

Optimo magistro
sodalium et amicorum munus

HOMENAGEM A
AIRES A. NASCIMENTO
PELO SEU 80.º
ANIVERSÁRIO



**OPTIMO MAGISTRO SODALIVM
ET AMICORVM MVNVS**

Homenagem a Aires A. Nascimento
pelo seu 80.º aniversário

OPTIMO MAGISTRO
SODALIVM
ET AMICORVM
MVNVVS

Homenagem
a Aires A. Nascimento
pelo seu 80.º aniversário

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

LISBOA • 2022

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UIDB/00019/2020.

Título

OPTIMO MAGISTRO SODALIVM ET AMICORVM MVNVS

Homenagem a Aires A. Nascimento pelo seu 80.º aniversário

Autores

Arnaldo do Espírito Santo

Maria Cristina Pimentel

Paulo Farmhouse Alberto

Rodrigo Furtado

Capa

Rui Gomes (Segmento de Mercado: www.segmentodemercado.com)

Edição

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Depósito legal

495684/22

ISBN

978-972-9376-63-4

DOI

<https://doi.org/10.51427/10451/52093>

Data da publicação

Abril de 2022

Tiragem

200 exemplares

Composição e Impressão

PUBLITO – Estúdio de Artes Gráficas, Lda. – Braga

Vozes encontradiças: Leonel da Costa e D. Marcos de S. Lourenço. Acerca de “A primeira tradução portuguesa da *Eneida*”

ISABEL ALMEIDA

Centro de Estudos Clássicos
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
isalima@letras.ulisboa.pt

Não pode deixar de causar maravilhado espanto a vida dos textos antigos a quem procura compreendê-la. Merece nota o que resiste ao tempo, proverbialmente devorador. Decerto, Chronos não perdoa e a mesma água não corre duas vezes sob a mesma ponte. Mas os textos, peregrinos ou viajados, simultaneamente duradouros e metamórficos, atravessam os séculos e ligam gerações, ora criando memórias e referências comuns, ora consentindo formas de deriva e reinvenção.

O trabalho do Professor Aires Nascimento radica na consciência deste fenómeno. Daí o desejo de conhecer o que foram, em espaço sagrado, centros de produção, preservação e transmissão da palavra, como as livrarias conventuais, ou exemplos profanos e aristocráticos de ostensiva coleção e fomento de leituras, como a biblioteca da Casa de Bragança. Daí o cuidado de aliar estudo e tradução. Daí a análise de processos de recepção literária.

Na grande sementeira até agora levada a cabo, acha-se um artigo de 1981, que destaca “A primeira tradução portuguesa da *Eneida*. Lisboa, BN, Códice 3322”¹. Trata-se de apresentar o que o erudito scalabitano Leonel da Costa, “mestre” e “criado” da família Mascarenhas² – depois de em 1624 ter dado à

¹ A. A. NASCIMENTO, “No bimilenário da morte de Virgílio. A primeira tradução portuguesa da *Eneida*. Lisboa, BN, Códice 3322”, *Revista da Biblioteca Nacional*, 2, vol. 1, 1981, 199-221.

² Ver a dedicatória d’*As Eclogas, e Georgicas* (Lisboa, Giraldo da Vinha, 1624), endereçada “Ao muito ilustre e generoso Senhor Dom António Mascarenhas, Conde e Senhor de Palma, Alcaide-mor das vilas de Castelo de Vide e de Trancoso, Leonel da Costa seu Mestre e criado deseja suma felicidade”. No remate do texto, enfatizando o pedido de protecção a D. António, Costa justifica-o assim: “é ver-me honrado com título de Mestre seu, a cuja doutrina mais

estampa, transpostas para língua vulgar e anotadas, *As Eclogas, e Georgicas* –, preparou e, c. 1638, pretendeu imprimir como *segunda parte das [...] obras [de Vergílio], traduzida de Latim, em verso solto Portuguez, com a explicação à margem [...]*. Mas trata-se também de, “por ordem cronológica”, estabelecer um “elenco das traduções portuguesas” do *magnum opus* romano³. Leonel da Costa é, deste modo, integrado numa extensa e vária corrente: só na segunda metade do século XVII, seguem-se-lhe Gaspar Pinto Correia, João Franco Barreto e Manuel de Carvalho Ribeiro de Castelobranco; a abrir a lista, associado à data de 1633 (i.e., meia década antes de que Leonel da Costa submetesse o seu manuscrito à avaliação censória), surge D. Marcos de S. Lourenço, cónego regular de Santa Cruz de Coimbra, com o “Primeiro livro da *Eneada* de Virgílio traduzido”⁴.

Não se estranha, pois, que, no corpo do artigo, à versão de Leonel da Costa o Professor Aires Nascimento chame “a primeira [...] completa”⁵. E todavia alguns argumentos permitem defender também o título alvissareiro. É esta hipótese que gostaria de propor. O caminho far-se-á passo a passo, em grata dívida.

*

Nos séculos XVI e XVII, não foi, por norma, abundante, em Portugal, a prática da tradução, e muitas obras estrangeiras circularam no seu idioma de origem (ou, amiúde, numa versão castelhana)⁶. Em face das iniciativas recenseadas pelo Professor Aires Nascimento, convirá perguntar: sustentá-las-ia (a essas iniciativas) o propósito de dignificar ou nobilitar a língua portuguesa, num quadro político em que tal valorização seria sentida como útil e necessária? Haveria quem neste exercício descobrisse uma oportunidade de promoção? D. Marcos de S. Lourenço quis juntar o “Primeiro livro da *Eneada* de Virgílio traduzido” ao *comento d’Os Lusíadas* porque – venceu – o canto épico de Camões, mercê da *imitatio*, exigia essa presença. *Os Lusíadas*,

acompanhada de puro e reverente afecto, que de subtil, e agudo artifício, quis V. S. sujeitar-se nos anos tenros de sua idade, honrando-me, e tratando-me sempre com o respeito devido aos mestres, nascido de sua nobre e benigna natureza, com o qual de tal maneira me cativou, que a este título ajuntei mais o de criado, de que me não honro menos”.

³ A. A. NASCIMENTO, loc. cit., 214.

⁴ Ver códice 46-VIII-40 da Biblioteca da Ajuda, editado em *Os Lusíadas Comentados por D. Marcos de S. Lourenço*. Transcrição e fixação do texto por Isabel Almeida, Filipa Araújo, Manuel Ferro, Teresa Nascimento, Marcelo Vieira. Notas por Isabel Almeida, Filipa Araújo, Marcelo Vieira. Nota introdutória, índices e revisão por Isabel Almeida, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2014. Significativamente, D. Marcos justifica o seu gesto sem reivindicar especial responsabilidade na tradução: “porque o nosso poeta imita quasi todo o livro primeiro da *Eneada* de Virgílio, o porei traduzido no princípio, dividido em números, pera que onde puser os versos em Latim possa remeter o Leitor à tradução pelos mesmos números” (p. 2).

⁵ A. A. NASCIMENTO, loc. cit., 199.

⁶ Veja-se, por exemplo, J. F. DE G. C. AROUCA, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVII*, 5 vols., Lisboa, Biblioteca Nacional, 2001-2016.

com todo o entusiasmo que suscitaram, estimulariam a divulgação do seu principal modelo? Ou será igualmente de ver, na acumulação de contributos vernáculos, um indício de que o texto latino, admirado e reputado fundador, estava longe de ser acessível?

Leonel da Costa e D. Marcos de S. Lourenço fornecem resposta positiva a estas questões. Dirigindo-se “Ao Lector” (“Leitor amigo”, “caro e cândido Leitor”), Costa declara que o seu crucial “intento é dar a entender Vergílio aos estudantes”, mas não esconde que visa tocar um grupo mais amplo. Retomando tópicos já glosados no prólogo d’*As Eclogas, e Georgicas*, diz ainda que preferiu ser fiel ao “sentido” da matriz a ceder à tentação de moldar “versos engraçados e saborosos”⁷, mas também esta humildade deve ser considerada no âmbito da retórica paratextual. Disseminados na tradução, vestígios camonianos⁸ sugerem perícia poética e um horizonte rico – como aliás João Franco Barreto, num encómio interessado e porventura estrategicamente omisso⁹, viria a salientar. Quanto a D. Marcos, que, sem

⁷ “Ao Lector”, in *A Eneida de Vergílio, segunda parte das suas obras, traduzida de Latim, em verso solto Portuguez, com a explicação à margem dos lugares mais importantes & escuros, historias, & fabulas q[ue] o poeta tocca; Autor Leonel da Costa lusitano natural da muito nobre & sempre leal Villa de Sanctarem*, s.f.

⁸ Repare-se, por exemplo, nestes exemplos, colhidos, sem pretensão de exaustividade, no texto de Leonel da Costa: “do Tibre, de riquezas abundante” (1v), “céu sereno” (9), “etéreo assento” (12), “o triste caso” (12), “as leis darão” (14v), “bárbaro furor” (14v), “pátria cara” (17v), “vento esquivo” (17v), “das ondas e do vento compelidos” (19), “a vã pintura” (19v), “a larga corrente de seus olhos” (19v), “que fortuna e caso” (25v), “valerosos feitos” (26v), “revolve novas artes” (26v), “vivo fogo” (28v), “sendo errante e peregrino / pelos mares e pelas terras todas” (29v).

⁹ Desconheceria o “amigo” Franco Barreto o trabalho virgiliano de Costa? Leia-se o verbete composto, em meados do século XVII, para a *Bibliotheca Luzitana*: “Leonel da Costa, muito erudito em as línguas Grega e Latina, e muito bom Poeta, traduziu em verso solto as Églogas e Geórgicas de Virgílio, que dedicou a D. António Mascarenhas, Conde e S. de Palma, Alcaide-mor das Vilas de Castelo de Vide e Trancoso, cujo Mestre foi, impressas em Lisboa, por Giraldo da Vinha, ano 1624 em folha, com a explicação dos lugares escuros que o Poeta tirou. O M. frei Tomás de S. Domingos, Calificador do Santo Ofício, a quem este livro foi cometido, falando dele diz assim: ao qual não quero pôr nome de tradução somente; mas eu lhe chamo nova composição, e livro novo; porque como é em verso, e tão dificultoso, como os peritos na Arte da Poética podem ver, bem se colige de sua deficuldade a novidade; ainda quanto à matéria; porque é muito dificultoso aplicar a frasi grega e latina à nossa materna Língua Portuguesa, no que o Autor se mostra não só bom latino, mas bom grego, cousa tão nova em nossos tempos. O Comento do Livro está mui cheio de várias humanidades, e muitas curiosidades, que ainda que fabulosas não será o tempo que se nelas gastar ocioso, porque além de sua elegante e sutil lição tem muito parelho para o nosso engenho se exercitar nas divinas verdades, pois em comparação das trevas resplandece mais a luz; e um contrário a par de outros se conhece melhor (*sapientibus, enim loquor*), além de que debaixo das histórias fabulosas se inculcam mui boas doutrinas, e preceitos muito morais, o que o Autor nota quando a matéria o pede doutamente; e como bom católico mostra os baixos de que se hão-de guardar os imperitos na lição das fábulas, e como cauto piloto depois de experimentadas as navegações perigosas, adverte dos perigos aos não experimentados neles etc. Perdoe-se-me a digressão, que fui amigo do autor; e para lhe formar um digno elogio só palavras de um varão tão douto podiam ser bastantes; e também quero que o leitor note quanto maior seria o meu trabalho na tradução da Eneida atado ao rigor dos consoantes e cláusulas da outava rima, se o escrever em verso solto acha este erudito varão cousa tão difícil. O doutíssimo varão Francisco de Fontes lhe fez um

preocupações didáticas e sem explicitar critérios, não menos parece confiar numa publicação futura do seu trabalho, compraz-se, com desembaraçada licença, em conferir vivacidade à prosa na qual converte os versos de Virgílio.

Por exemplo, evocando a morte de Troilo, D. Marcos como que *actualiza* a história clássica: “era levado arrastado pelos cavalos ficando o coche vazio” (MSL, 28)¹⁰; Leonel da Costa, ao lidar com a frase *fertur equis curruque* (476)¹¹, limita-se a falar de um “vão carro” (“tendo já perdido as armas / é, fugindo, levado dos cavalos; / e virado de costas, ao vão carro / se pega” – LC, 20v). Noutro momento, D. Marcos torna o seu Neptuno singularmente zangado e desdenhoso: *regique haec dicite uestro* (137) ganha nova cor em “dizei lá ao vosso reizinho” (MSL, 19). E, já antes, vêm agravadas as reprimendas furiosas do deus aos ventos destruidores (*tantaene uos generis tenuit fiducis uestri? / Iam caelum terramque meo sine numine, uenti, / miscere et tantas audetis tollere moles? / Quos ego*, 132-135): “**Que é isto**, tanta confiança e ousadia tendes vós per razão de vosso nascimento, e geração, e tão confiados estais em quem sois, que sem meu beneplácito vos atreveis a confundir o Céu e a terra, e levantar no mar estas serras de água? **Estava eu pera vós**” (MSL, 19).

Pronto a desvendar alusões ou a dissipar eventuais obscuridades, D. Marcos é capaz de acrescentar uma didascália¹² ou de, numa perífrase, expandir o que Virgílio sintetizou: *v.g.*, *illum* (44) concretiza-se em “[o] violador de sua sacerdotisa Cazandra” (MSL, 17). Sem dúvida, intensificar a narrativa é uma das suas ambições. Basta ver como enfatiza o despeito de Juno (“Palas, que comigo não tem comparação algũa” – MSL, 16); evidencia a maldade ímpia do crime que vitimou Siqueu (“diante dos altares onde estava sacrificando¹³ – MSL, 25); escancara a dimensão alegórica de um

elegante elogio que andava no princípio da mesma obra, aonde se pode ver, e o celebram outros sujeitos com elegantes versos. Fez mais Leonel da Costa a Conversão de Santa Maria Egípcíaca em verso de oito sílabas, dividida em sete cantos, que dedicou a D. Margarida de Vilhena, mulher de D. Francisco Mascarenhas, impresso em Lisboa por Giraldo da Vinha, ano 1627, em 8^o (*Bibliotheca Lusitana*, ms. da Casa Cadaval, fotocópia disponível nos Reservados da BNP, fls. 691v-692).

¹⁰ Para tornar mais expedita a identificação dos textos citados, usar-se-ão as seguintes abreviaturas: MSL (*Os Lusíadas Comentados por D. Marcos de S. Lourenço* – ver, supra, nota 4); LC (*A Eneida de Vergilio, segunda parte das suas obras, traduzida de Latim, em verso solto Portuguez [...]; Autor Leonel da Costa [...]*, BNP, Cod. 3322); GV (*Las obras de Virgilio, principe de los poetas Latinos traduzida en octava rima y verso Castellano*, Toledo, Iuan Ayala, 1574); DL (*Las Obras de Pvblio Virgilio Maron, traduzido en prosa Castellana, por Diego Lopez [...]*, Valladolid, Francisco Fernandez de Cordoua, 1601); CM (*La Eneida de Virgilio. De Christoval de Mesa*, Madrid, por la viuda de Alonso Martin, 1615). Do texto de Virgílio, destacado em itálico, indicar-se-á o número dos versos, sempre relativos ao livro I da *Eneida*.

¹¹ A citação é feita pela seguinte edição: Virgile, *L'Énéide. Aeneis*, texte établi para Jacques Perret, éméché, présenté et traduit par Olivier Sers, Paris, Les Belles Lettres, 2015.

¹² Ver *Aen.* 1.596-597. A divisão do discurso de Eneias, quando se revela aos companheiros e a Dido (“E convertendo a prática à Rainha, disse-lhe [...]”) não se encontra no texto latino.

¹³ No texto de Virgílio (348-350), dizendo apenas *ante aras*, subentende-se que Siqueu fazia sacrifícios quando foi morto à traição.

episódio (“olhai, e vede aqueles doze cisnes, figura das vossas naus” – MSL, 25); ou manifesta o alcance simbólico de um pormenor (“Aqui cavando acharam ãa cabeça de cavalo, que foi o sinal que a Deusa Juno lhe mostrou, pronosticando-lhe que haviam de ser fortes na guerra, e abundantes em mantimentos e cousas necessárias à vida, porque o cavalo é animal belicoso, mas que também somete o pescoço ao jugo e arado”¹⁴ – MSL, 27-28). Nos mesmos passos, mais contido, mais próximo da matriz latina permanece Leonel da Costa¹⁵.

D. Marcos suspendeu, imperfeito, o comentário a *Os Lusíadas*, onde inserira a sua tradução, e tudo terá ficado num silencioso abandono. Quanto a Leonel da Costa, obteve do Santo Ofício um *nulla obstat*, por duas vezes redigiu uma dedicatória (a primeira – inteiramente rasurada, no códice 3322 –, a D. António Mascarenhas; a segunda, a D. Francisco Mascarenhas¹⁶), mas faltar-lhe-ia patrocínio para uma edição cujo fôlego havia de exceder o do par de obras até então saídas dos prelos modestos de Giraldo da Vinha.

É possível que depressa as circunstâncias avolumassem obstáculos: D. Francisco Mascarenhas ascendeu no período da Monarquia Dual; por volta de 1640, estaria em condições de fazer ou de apoiar um investimento dispendioso? A mudança política não afectou o prestígio de Virgílio; a fortuna dos homens de letras e de seus potenciais mecenas, essa sim, há-de ter reflectido o movimento da roda implacável.

*

Ao comparar a tradução de Leonel da Costa com a de D. Marcos de S. Lourenço, apesar de tudo quanto – até formalmente – as separa, detectam-se pontos de contacto. Ninguém negará que a tradução coeva da mesma obra favoreceria encontros: um léxico idêntico (ou quase: o crúzio nacionalista que é D. Marcos, ao contrário de Costa, nunca recorre à palavra “alçar”, quiçá pelas suas ressonâncias castelhanas), uma sintaxe experimentada, um imaginário partilhado. No entanto, essa comunhão, sendo

¹⁴ A explicação “Porque o cavalo...” não tem paralelo no texto de Virgílio (441-445).

¹⁵ Leonel da Costa traduz do seguinte modo: “Não pôde porventura a Deusa Palas / Dos Gregos abrasar a grande frota? / E os mesmos afogar no mar profundo? / Pola culpa de um só, polos amores / De Ajax filho de Oileo?” (5); “Ele sem piedade ante os altares, / e cego co’ desejo da riqueza, / e dos amores da irmã já seguro, / a Siqueu descuidado à treição mata / com ferro” (16v); “cavaram o sinal que a régia Juno / lhe mostrara; a cabeça de um cavalo / brioso; porque assi mostrou que havia / de ser na guerra aquela gente egrégia, / e mui fácil, per infinitos tempos / de vencer e alcançar grandes vitórias.” (19); “Vê doze alegres Cisnes / em bando, que a ave dantes perturbava / de Júpiter, estando o Céu sereno / da etérea região vindo, caíndo” (17v).

¹⁶ D. António e D. Francisco foram, respectivamente, sobrinho e tio. A dedicatória ao primeiro datará da ocasião do seu casamento; aquela que a D. Francisco é endereçada, hipertrofiando o seu *cursus honorum* (Costa chama “governador da China” ao Capitão-Geral de Macau – v. E. PENALVA, M. R. LOURENÇO [edd.], *Fontes para a História de Macau no século XVII*, Lisboa, CCCM, 2000), ainda o celebra como membro do “Conselho Supremo de Sua Real Majestade”, o que aponta para os anos de 1637 e seguintes.

fruto natural de uma contemporaneidade, requer, para ser apreciada, informação que em larga medida nos escapa: com quem aprenderam estes tradutores a ler Virgílio, em que escolas, com que hábitos? De que dicionários e comentários se serviriam? Que *conversaço* (com que interlocutores, em que meios) terão mantido? Que iconografia os terá marcado? Que modelos os influenciariam?

Muito do que aproxima os textos de Leonel da Costa e D. Marcos de S. Lourenço provém de congéneres castelhanos, como os de Gregorio Velasco e Diego López. Mais raros e ténues, ainda que não despiciendos, são os vestígios de *La Eneida de Virgilio. De Christoval de Mesa* (1615). Ora, se López pôde imitar Velasco, e se Mesa a ambos apreciou; se neste trânsito houve margem para alguma apropriação de traduções itálicas como as de Annibal Caro ou Alessandro Sansedoni¹⁷, não custa reconhecer quão complexa é a intertextualidade de que participam as versões lusas. Nelas conflui, directa ou indirectamente, uma tradição alicerçada nos vínculos culturais que, unindo a Itália e a Península Ibérica, propiciaram, outrossim, o estreito diálogo de Modernos e Antigos.

A densa e ágil *contaminatio* gera um efeito vertiginoso: várias vozes se mesclam e confundem, porque o tradutor tudo pode absorver, com resultados surpreendentes. Atente-se, por exemplo, no que sucede a partir de *neque enim patrius consistere mentem / passus amor* (643-644). D. Marcos e Leonel da Costa divergem, e não estão sós nessa clivagem: probabilíssimo é que nas suas opções hajam pesado as de Gregorio Velasco e de Diego López. Pelo vocabulário, o crúzio avizinha-se da solução de Velasco, enquanto Costa assimila a de López. A arquitectura da frase, porém, sugere o inverso: D. Marcos repete a fórmula breve de López; Costa, a amplificação ensaiada por Velasco.

Todo o pensamento do pai estava posto no amado filho (MSL, 32)	Do caro e amado Pai consiste todo / o cuidado no moço Ascânio. (LC, 26v)
Todo su pensamiento y su cuydado / Emplea Eneas en su amado Ascanio (GV, 9)	todo el cuydado del amado padre está puesto en el hijo (DL, 113v)

Nenhum padrão absoluto se define. Leonel da Costa alardeia a posição nuclear que dá ao texto virgiliano e cultiva a audácia de o enfrentar em “lugares escuros”, mas não se coíbe de cometer infidelidades. Por seu lado, D. Marcos conta muito com as traduções castelhanas, e, se de quando em quando exorbita, nem por isso perde de vista o original latino.

Observe-se a descrição do banquete proporcionado por Dido. D. Marcos, recordando as “seruietas ricas” de Velasco (GV, 9v), as “seruilletas de mucho precio” de Diego López (DL, 114) ou as “seruietas de hechura grata”, de Cris-

¹⁷ *Di Vergilio. Cioè la Buccolica, Georgica, Eneida. Nuovamente da diversi Eccellentissimi autori tradotte in versi sciolti*, Vinegia, Per Domenico Farri, 1568. *L'Eneide di Virgilio, del Commentatore Annibal Caro*, Venetia, Appresso Bernardo Giunti, 1581.

tóval de Mesa (CM, 26), fala em “gardanapos custosos” (MSL, 34). Leonel da Costa faz de *tonsisque* [...] *mantelia uillis* (702) extraordinárias mas literais “toalhas [...] sem pêlos” (LC, 28v)¹⁸. E no entanto é Costa quem (seduzido por gravuras como as de Marcantonio Raimondi?¹⁹) senta a rainha de Cartago a uma mesa inexistente na *Eneida*: “[...] a bela Rainha Dido / em os nobres tapetes já se tinha / composta, e posta no meo da mesa” – LC, 28v), enquanto D. Marcos, ecoando a versão de Gregorio Velasco (“sientase la reyna / En medio del estrado de puro oro, / Compuesto con soberuias alcatifas” – GV, 9v), acaba, neste passo, por não destoar de Virgílio:

*Cum venit, aulaeis iam se regina superbis
Aurea composuit sponda mediamque locauit*
697-698

[...] neste tempo já Dido estava sobre o estrado alto bordado de ouro, e coberto de bizarras alcatifas e ricas almofadas

MSL, 34

Repare-se ainda no destino dos versos 26-28 da *Eneida*: *manet alta mente repostum / iudicium Paridis spretaeque iniuria formae / et genus inuisum et rapti Ganymedis honores*. Leonel da Costa, sóbrio, mima a concisão virgiliana: “fica-lhe impresso / reposto dentro na profunda mente / de Páris a sentença; o agravo grande / da sua desprezada fermosura / e aquela geração aborrecida / E as honras do roubado Ganimedes.” (LC, 2). Ao invés, D. Marcos soma fios de intriga:

Tem alta mente guardada a sentença que deu Páris em desprezo de sua fermosura, nem lhe esquece que Dárdano, fundador de Tróia, era filho de Electra e de seu marido Júpiter, e ela o avorrecia com ódio de madrasta. Finalmente lhe lembrava que Ganimedes Troiano sucedera no ofício de copeiro dos Deuses, do qual sua filha Hebe fora tirada.

MSL, 16

Não obstante as discrepâncias, porém, é ele que parece guardar a expressão “alta mente”, à maneira de Virgílio, e não de Cristóval de Mesa, que a agrega num advérbio: “De quando Paris le quitô su gloria, / Altamente en el crudo animo encierra / Su beldad despreciada, y las mercedes, / Y el honor hecho al robado Ganimedes.” (CM, 2). Sem dúvida, neste jogo de escolhas, as posições rapidamente se alteram: *mobile* é epíteto que quadra

¹⁸ No comentário, justifica-se: “porque antigamente as toalhas ou guardanapos que serviam de alimpar as mãos eram velosas e com pelos, e estes eram sem eles; ou para alimpar melhor; ou por mostrar que eram muito finos.” (LC, 29).

¹⁹ Na versão de Cristóval de Mesa, surge também uma “mesa”, sem que todavia haja exacta correspondência com a imagem sugerida por Costa: “Y entretanto que llega tal presente / Se sienta en su sobervio estrado Dido, / Ornado de oro con la rica alfombra, / Cuya labor, y cuyo precio assombra. // Ya el padre Eneas y Iovenes Troyanos, / Se sientan en tapetes de escarlata, / Dan en la mesa a todos agua a manos [...]” (CM, 25v).

quer a D. Marcos de S. Lourenço quer a Leonel da Costa. Mas, acima das diferenças, flagrantes ou imprevisíveis, há nos trechos agora citados um detalhe que impressiona: “sentença”. Só D. Marcos e Leonel da Costa assim transmutam *iudicium*. Velasco escreveu: “Teniase muy en l’alma aquel juyzio / De Paris, y la injuria y dura afrenta / De su belleza entonces despreciada. / Traña ya sobre ojo a los Troyanos, / Linage della siempre aborrecido: / Moria d’inuidia por la gloria y honra / De su riual el bello Ganymedes, / Por Iupiter al cielo trasladado.” (GV, 1). Diego López, não muito distante, havia dito: “aun lo se la auian olvidado las causas, y crueles dolores, el juyzio de Paris le queda puesto en su profunda memoria, y la injuria de su hermosura menospreciada, y la generacion aborrecida, y las honras de Ganymedes arrebatado.” (DL, 104).

Discretas sintonias respigam-se, pois, nas traduções de D. Marcos e de Costa. Por exemplo, o sintagma *reliquias Danaum* (v. 30) corresponde a “reliquias / dos Gregos”, para Leonel da Costa (LC, 2); a “miseráveis reliquias que escaparam das mãos dos Gregos sem piedade”, de acordo com D. Marcos (MSL, 16). A simplificação vocabular (“Danaum” / “dos gregos”) é habitual (o mesmo haviam feito Velasco, López ou Mesa, ao proporem, respectivamente, “los Troyanos que sobrado auian / Del furor Griego [...]”, GV, 1; “relieues de los Griegos [...]”, DL, 104; “Reliquias del cruel incendio Griego”, CM, 2). No que concerne à aplicação da forma etimológica – “reliquias” –, é de supor que agradasse a um fervoroso leitor de Camões²⁰, como D. Marcos, ou a um “mestre” de Gramática como Leonel da Costa. Sobre as razões que guiariam cada um, apenas é lícito especular. Uma comunhão, no essencial, porém, volta a ressaltar: ambos dizem – e só eles assim dizem – **reliquias ... dos Gregos**.

Veja-se ainda o que ocorre nas versões do verso 461 da *Eneida*. Fascinado e comovido ao ver representadas em Cartago as desventuras sofridas na guerra de Tróia, Eneias exclama: *En Priamus. Sunt hic etiam sua praemia laudi*. Para D. Marcos, isso equivale a “Vês ali está pintado El Rei Príamo. Também a virtude aqui tem seu galardão” (MSL, 28); para Leonel da Costa, a “Aquele é Príamo; / também o valor tem aqui seus prémios” (LC, 19v). Velasco, López e Mesa haviam feito sobressair, em particular, o teucro e a *sua* recompensa: “Mira al buen Priamo, a quien del justo zelo / Le da, aun aqui, su premio la pintura” (GV, 6v); “vees aqui a Priamo, tambien aqui tiene los premios de su virtud” (DL, 111v); “Mira a Priamo aqui, que aun aqui alcanza / De su valor el premio y la alabanza.” (CM, 17v). Ao contrário dos seus pares castelhanos, os dois portugueses conferem um teor abstracto e sentencioso à exclamação do herói²¹. Que pensar? Parecendo reter palavras

²⁰ Bastará lembrar a estrofe 129 do canto III: no discurso de apelo à clemência de Afonso IV, Inês de Castro declara-se pronta a sofrer o exílio e a criar assim os filhos – “reliquias” do seu amor por D. Pedro.

²¹ “Como se dissera o que disse Valério Máximo no livro quarto, *scilicet, ubique precio virtus aestimatur*; em toda a parte se tem a virtude em preço; pois entre estes povos bárbaros e ferozes vejo pintado a Príamo na sua dignidade, sem se lhe tirar o louvor merecido per seu valor e virtude” (LC, 20v).

de Diego López, o sentido que D. Marco lhes dá – irmanado com Virgílio – coincide com o da versão de Leonel da Costa.

Uma relação vai assim, subtilmente, adquirindo contorno. Ora, os exemplos seguintes, na sua depuração esquemática, reforçam esta ideia, porque os liga um mesmo traço: o texto de Leonel da Costa e o de D. Marcos de S. Lourenço revelam-se aí sobreponíveis. Em dois casos (cf. 3 e 4), a coincidência espelha o original latino; maioritariamente, porém, isola os dois tradutores e distingue-os em exclusivo. Resta concluir: pelo menos um deles *conhece* a versão do outro.

1. v. 1
<i>Arma uirumque cano</i>
As armas canto, e um varão insigne nelas (MSL, 15)
As armas, e o Varão insigne canto (1)
Las armas y el varon illustre canto (GV, 1)
[...] canto las terribles armas de Marte, y el varon (DL, 103v)
[...] canto armas de Marte, / Y el varon (CM, 1)
2. vv. 312-314
<i>Iipse uno graditur comitatus Achate / bina manu lato crispans hastilia ferro. / Cui mater media sese tulit obuia silua</i>
E ele só acompanhado de Acates foi andando, brandindo dous venablos de ferro largo com sua mão. Eis sua mãe Vénus saindo do meio do bosque se lhe faz encontradiça [...] (MSL, 24)
Ele se vai andando acompanhado / só do seu verdadeiro e fido Acates, / brandindo com a mão, de ferro largo / dous venablos : a quem a mãe piedosa / em o meo do bosque encontradiça / se fez [...]. (LC, 15)
Y sale acompañado solamente / De su querido y fiel amigo Acates: / Blandiendo un par de lanças de anchos hierros. / Al qual, su madre, la hermosa Venus / Aparecio, en mitad de aquella selva (GV, 4v)
[...] y sale acompañado con solo Acates, blandiendo dos dardos de largo hyerro con su mano. A quien la madre [...] salio al encuentro en medio de la selua (DL, 108v)
Y el con Acates sigue su derrota, / Sendas lanças con hierro ancho blandiendo, / Y Venus sale en medio el bosque horrendo. Muestrasele [...] (CM, 11v-12)
3. v. 323
<i>maculosae tegmine lyncis</i>
ũa pele de maculoso tigre (MSL, 24)
com a pele / de um Lince maculoso (LC, 15)
piel d'un Lince variado (GV, 5)
la piel del linze manchado (DL, 108v)
De variada piel de Lince fiera (CM, 12)
4. vv. 375-376
<i>Si uestras forte per auris / Troiae nomen iit</i>
(se às vossas orelhas já chegou o nome de Tróia) (MSL, 26)
(se de Tróia / miserável, o nome porventura / pelas vossas orelhas tem passado) (LC, 17)
“(si Troya a caso aueys jamas oydo)” (GV, 5v)
“(si acaso el nombre de Troya a venido a vuestros oídos)” (DL, 109v)
“(si por suerte) / Este nombre de Troya aucis oydo” (CM, 14)

5. v. 449
[...] <i>foribus cardo stridebat aenis</i>
e as couceiras rangiam com o peso das portas de metal (MSL, 28)
com as ferradas portas a couceira / fazia grande estrondo (LC, 19v)
Sus altas puertas de valientes vigas, / Con rica y fuerte clavazon trauadas: / Cuyos quiciales en metal çanjados / Boluiendose hazian gran ruydo. (GV, 6v)
[...] el quicio hazia gran ruído con las açeradas puertas (DL, 111v)
Las puertas de metal de alto artificio, / Al abrir y cerrar con roncossones, / Rechinaua en el bronze todo quicio (CM, 17)
6. vv. 472-473
<i>Ardentisque auertit equos in castra prius quam / pabula gustassent Troiae Xanthumque bibissent.</i>
levando consigo os generosos cavalos pera os arraiais antes que gostassem os pastos de Tróia, nem bebessem as águas do Xanto. (MSL, 28)
e para os arraiais leva os cavalos / orgulhosos, primeiro que gostassem / de Tróia os pastos, e o Xanto bebessem. (LC, 20v)
Y a su real lleuaua con triumpho / Los feroces cauallos del rey mesmo, / Sin que gustassen los Troyanos pastos, / Y que beuiessen l'agua del rio Xantho. (GV, 7)
Y lleua a sus tiendas los ferozes cauallos, antes que vuiessen gustado los pastos de Troya, y vuiessen bebido del rio Xantho. (DL, 111v-112)
Sus ferozes cauallos lleva en tanto / Al real suyo con soberuio fasto, / Antes de auer bebido agua del Xanto, / Ni auer gustado del Troyano pasto (CM, 18)
7. vv. 522-523
<i>O regina, nouam cui condere Iuppiter urbem / iustitiaque dedit gentis frenare superbas.</i>
Ó Rainha, a quem Júpiter concedeu edificar nova Cidade, e refrear com Justiça as gentes ferozes (MSL, 30)
Ó suprema Rainha, a quem Tonante / concedeu levantar nova Cidade, e com leis refrear soberbas gentes (LC, 21v)
O reyna a quien ha Iupiter clemente / Edificar ciudad nueua otorgado, / Y la soberuia y intratable gente / Frenar con leyes justas ha mandado (GV, 7v)
O Reyna a quien Iupiter concedio edificar la nueua ciudad, y gobernar con justicia las gentes ferozes (DL, 111v)
O Reyna, a quien dio Iupiter clemente / Poder fundar nueua ciudad potente. / Y con ley enfrenar soberuias gentes (CM, 19v-20)
8. vv. 649-650
<i>Circumtextum croceo uelamen acantho, / ornatus Argiuae Helenae</i>
e ùa roupa tecida que figurava as folhas do amarelo gigante, ornato outro tempo da Grega Helena (MSL, 33)
um manto tecido todo à roda / com amarelo acanto; louçainhas / da Grega Helena (LC, 26v)
Y un rico manto en torno entretexido / Con estraña labor de roxo Acantho, / Galas un tiempo de Helena la Griega (GV, 9)
[...] vn manteo entretexido con roxo Acantho, galas de Helena Griega (113v)
[...] vn velo, que entretexe el roxo acanto, / Que de Leda su madre por tesoro / Truxo (CM, 24)
9. v. 655
<i>duplicem gemmis auroque coronam</i>
e ùa coroa dobrada de ouro e pedras finas (MSL, 33)
e das mesmas [preciosas pedras], e de ouro ùa coroa / dobrada . (LC, 26v)
Y una corona, cuyas dos matérias / Eran puro oro y piedras de gran precio (GV, 9)

[...] y vna corona çercada con margaritas, y oro (DL, 113v)
Y una corona de oro, que se via / Toda de varias piedras finas llena. (CM, 24)
10. vv. 742-746
<i>Hic canit errantem lunam solisque labores, / unde hominum genus et pecudes, unde imber et ignes, / Arcturum pluuiasque Hyadas geminosque Triones, / quid tantum Oceano properent se tingere soles / hiberni, uel quae tardis mora noctibus obstet.</i>
Este canta a lua errada, e os eclipses do Sol, donde procede a geração dos homens, donde os animais terrestres, e as chuvas, e o fogo, o Arcturo, e as Híadas que trazem chuva, e os Setentríões, porque tão curtos são os dias do inverno e tão largas as noites. (MSL, 35)
[...] este canta a Lua errante / e do sol os eclipses; donde venha / a geração dos homens; donde os gados; / donde proceda a chuva, donde os fogos: / Este canta o Arcturo, e as chuvosas / Híadas; e os dous bois que o carro tiram: / por que razão os sóis do frio inverno / se apressem a banhar-se no Oceano; / ou que detença impida as tardas noites. (LC, 29v)
Este cantava, de la errante Luna, /El ser, natura, influxo, y mouimiento. / Y del Sol los eclipses y accidentes. / Dezia el origen de hombres y animales: / Las causas de las lluuias, de los rayos: / Y de metheorologicos effectos. / Cantaua el frio Arcturo, y las lluuiosas / Hyadas, y las dos eladas Ossas. / Por que razon los hybernales Soles / A bañarse en el mar tan prestos vayan, / Y las tardias noches duren tanto. (GV, 10)
Este canta quando se eclipsa la luna, y los eclipses del sol, y de donde proceda la primera generacion de los hombres, y animales: de donde el agua, y el fuego, y el Arcturo, y las lluuias de las Hyadas, y los Triones, porque los soles del inuierno se bañen tan presto en el mar Oceano, o que tardança detenga las largas noches. (DL, 114v-115)
Cantô lo que aprendiô del grande Atlante, / De que nacieron hombres, y animales, / Los eclipses del Sol, la Luna errante / El agua, y fuego, y cosas naturales, / Y el Arturo, y las Hiadas, y adelante, / Las dos eladas Osas desiguales, / Porque en inuierno son breues los dias / Y son las largas noches tan tardias. (CM, 27v)

*

O *corpus* em análise é suficiente para que se consolide a hipótese anunciada no intróito? Tudo indica que sim. Atribuiu-se a fr. Luís de León uma tradução dos seis primeiros livros da *Eneida*²², mas esse texto não terá sobrevivido – ou só o conhecemos na versão que, em meados do século XVII, fr. Antonio de Moya incorporou nas suas próprias obras. Por isso (e porque não oferece dados relevantes), foi aqui preterido²³.

Em face dos textos de D. Marcos de S. Lourenço e de Leonel da Costa, perguntar-se-á: quem segue? D. Marcos, que cai num erro como o que o último exemplo exposto patenteia (cf. 10)? Quem é seguido? Costa, capaz de justificar escolhas como as que envolveram o v. 461 da *Eneida*²⁴? Ou haverá, subjacente à comunhão verificada, um conhecimento mútuo? Ignora-se em

²² *Los Seis Libros Primeros de La Eneida de Publio Virgilio Maron, Traducidos en Prosa Castellana por el Maestro Frai Luis de Leon. Tomo III*, Valencia, en la Oficina de Josef i Thomas de Orga, 1777.

²³ Um caso deve ser assinalado: também neste texto, no início da proposição, Eneias é “insigne”. A tradução (“aquele insigne Heroe” – *Los Seis Libros Primeros...*, op. cit., p. 3) diferencia-se, no entanto, daquela que D. Marcos e Leonel da Costa apresentam.

²⁴ Ver nota 21.

que momento terá D. Marcos concluído a sua tradução: 1631, 1632, 1633 são datas registadas no códice BA 46-VIII-40, respectivamente, no fim de cada um dos três cantos d'*Os Lusíadas* aí comentados. Todavia, talvez assinalem uma fase avançada do trabalho, que, a fazer fé no seu autor, remontará a anos anteriores²⁵. Quanto a Leonel da Costa, no preâmbulo das *Eclogas, e Georgicas* (1624), entre pedidos e promessas, asseverava:

se a natureza me negou os dotes com que liberalmente enriquece os seus favorecidos, fez-me contudo capaz de conselho, e mui grato aos doutos que por sua cortesia mo quiserem dar; aos quais lembro tem obrigação de o fazer, e peço mo não neguem, para poder com mais confiança seguir a segunda parte, isto é, a Eneida, em cuja tradução fico ocupado, que com o conselho dos amigos, e principalmente com o favor do Céu, sairá cedo à luz.²⁶

Diria a verdade? Ou visava reservar o campo? A tradução de dois versos da *Eneida*, neste mesmo prólogo, discrepa da que se lê no códice 3322, pelo que não ajuda a perceber em que estádio se encontraria, c. 1624, a grande empresa. Pouco importa. A aceitar-se que tanto D. Marcos de S. Lourenço como Leonel da Costa desenvolveram o seu labor nas décadas de 20 e 30 do século XVII, qualquer um deles poderá ser o responsável pela primeira tradução (do livro I) da *Eneida*.

*

O códice 3322 guarda um pedido do Professor Aires Nascimento: “Ao fazer a microfilmagem do manuscrito, é favor colocar nas costas do fólio uma outra superfície, a fim de diminuir (ou pelo menos não aumentar) os efeitos resultantes dos buracos deixados pelo bicho. Lx, 2-3-1981”. No artigo, entrevê-se um outro apelo: Leonel da Costa deve ser resgatado de entre “os esquecidos”²⁷. Não foi em vão, o pedido atento à materialidade do testemunho. Já a obra de Leonel da Costa, com todo o valor patrimonial que encerra, continua à espera do seu resgate pleno. Urge realizá-lo. Não haverá melhor homenagem a quem o iniciou, no bimilenário do nascimento de Virgílio.

²⁵ “Muitas vezes deixei esta obra imaginando em sua grandeza e considerando quanto se requeria pera a prosseguir, mas quando vi o aplauso com que foi recebido o Comento do Lecenceado Manuel Correa, e os muitos e insofríveis erros que na exposição dos versos de Camões cometera, tomei ânimo pera acabar estes meus comentários tantas vezes enterrompidos, não podendo já sofrer as reprehensões de amigos, e de outros que atribuíam este meu sossego a pusilanimidade e desconfiança” (*Os Lusíadas de Luís de Camões comentados por D. Marcos de S. Lourenço*, op. cit., pp. 1-2).

²⁶ “Ao Lector”, in *As Eclogas, e Georgicas* [...], Lisboa, Giraldo da Vinha, 1624, s.f.

²⁷ É assim que Leonel da Costa se auto-caracteriza no prólogo “Ao Lector” d'*As Eclogas, e Georgicas*: “Já vejo que não há-de faltar quem chame a este meu trabalho temeridade, pois havendo tantos, tão agudos, e tão peregrinos engenhos na nossa Lusitânia, estando o meu no número dos esquecidos, quis tomar à minha conta abrir novo caminho à tradução do Príncipe dos Poetas: digo novo caminho, porque na nossa língua Portuguesa, até hoje se não sabe quem o abrisse [...]” (op. cit., s.f.).

Palavras Prévias

- 7** ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO, MARIA CRISTINA PIMENTEL,
PAULO FARMHOUSE ALBERTO, RODRIGO FURTADO

11 Tabula Gratulatoria

- 19** AIRES AUGUSTO NASCIMENTO
Super flumina Babilonis, illic sedimus, cum recordaremur tui...

TESTEMUNHOS / SOBRE AIRES NASCIMENTO

- 27** ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO
Testemunho. Palavras de abertura do Congresso
- 29** MARIA CRISTINA PIMENTEL
Do doce filme da memória
- 31** JOSÉ MANUEL DÍAZ DE BUSTAMANTE
Con la disculpa de Aires Nascimento: Casi medio siglo de estudios de latín medieval
- 39** PAOLO FEDELI
In cerca di un'identità comune
- 45** JOAQUIM CERQUEIRA GONÇALVES
O Latim na metáfora da Cultura Portuguesa
- 49** MARIA LEONOR LAMAS DE OLIVEIRA XAVIER
Aires A. Nascimento. Peregrino no mundo da cultura

ANTIGUIDADE CLÁSSICA

- 61** MARIA DE FÁTIMA SILVA
A carta, um elemento literário e dramático

- 73** MARC MAYER I OLIVÉ
Sui cuique mores fingunt fortunam hominibus. De nuevo sobre Apio Claudio y sus *Sententiae*. A propósito de Cornelio Nepote, *Att.* 11, 6 y 19, 1
- 83** JOËL THOMAS
Centre et périphérie dans *l'Imperium Romanum*: un sujet d'actualité
- IDADE MÉDIA**
- 99** MARÍA ADELAIDA ANDRÉS SANZ
La historia de un texto a partir de sus paratextos: el *prooemium* isidoriano al libro de Malaquías en los códices altomedievales
- 107** CARMEN CODOÑER
Los demonios del siglo VII y Valerio del Bierzo
- 125** LIDIA BUONO
Composizione e compilazione nei testi omiletici: un caso di studio
- 133** RODRIGO FURTADO
Quando vai ser o fim do mundo? A origem do *De Fine Mundi* (Madrid, RAH *Aem.* 78, f. 209v = Madrid, Complutense 134, f. 30ra-b)
- 143** ANGÉLICA VARANDAS
Reflexão sobre as origens controversas dos *echtra*i e dos *immrama*
- 151** INÊS DE ORNELLAS E CASTRO
Um horto para cuidar da alma: influências hipocrático-galénicas na *Physica* de Hildegarda de Bingen
- 163** PERE J. QUETGLAS e MERCÈ PUIG RODRÍGUEZ-ESCALONA
La naturaleza de los latines medievales o sobre el latín de la Edad Media
- 175** PAULO FARMHOUSE ALBERTO
São Vicente e o Passionário de Lorvão
- 187** ISABEL BARROS DIAS
Peregrinação e encontros com aves
- 201** MARIA ALEGRIA F. MARQUES
Aspectos desconhecidos do mosteiro de S. João de Tarouca na Idade Média. Nótula de investigação

- 211 ISRAEL SANMARTÍN
Comparación entre dos manuscritos castellanos del *Vade Mecum in Tribulatione* del siglo XV

ENTRE OS SÉCULOS XV-XVIII

- 235 ANA MARIA S. A. RODRIGUES
Os escritos de D. Duarte sobre as mulheres no *Leal Conselheiro*: ecos longínquos da *Querelle des femmes*?

- 245 CRISTINA ALMEIDA RIBEIRO
Sob o signo da Alegoria: caminhos da redenção na poesia do *Cancioneiro Geral*

- 255 ANA MARÍA S. TARRÍO
Otium, otiositas, prigitia, melancholia. Cicerón, Petrarca y la dinastía de Avis

- 275 NUNO SIMÕES RODRIGUES
Ficção, tipologia e anacronismo na composição das personagens da *História do mui nobre Vespasiano imperador de Roma*

- 301 THOMAS EARLE
Rui de Pina e Damião de Góis: entre a historiografia medieval e a historiografia renascentista

- 311 SILVINA PEREIRA
No grande mar se cria o grande peixe. A tradição clássica teatral nas comédias de Jorge Ferreira de Vasconcelos

- 331 CRISTINA SANTOS PINHEIRO
Os povos monstruosos de Plínio nos tratados de ginecologia de Ludovico Bonaccioli, Nicholas de la Roche e Rodrigo de Castro Lusitano

- 347 BERNARDO MOTA
O Tratado breve da natureza e causas da peste de Rodrigo de Castro: uma sucinta descrição de conteúdos

- 359 ABEL N. PENA
Fontes e motivos clássicos na *Ethiopia oriental* de Frei João dos Santos

- 369 ISABEL ALMEIDA
Vozes encontradiças: Leonel da Costa e D. Marcos de S. Lourenço. Acerca de “A primeira tradução portuguesa da *Eneida*”

- 381** MÁRIO MAGALHÃES LOPES DA SILVA
Santa Isabel e o carácter histórico-providencial do reino português no discurso do Padre André Luís
- 387** JOANA VEIGA
Horácio nos poemas jesuíticos em louvor à Rainha Santa Isabel
- 405** ANDRÉ SIMÕES
Documentação medieval na disputa política do período da Restauração
- 413** MARTIM DE ALBUQUERQUE
Novos contributos para a recepção de Justo Lúpsio em Portugal
- 437** MANUEL JOSÉ DE SOUSA BARBOSA
O poema didáctico *Praedium rusticum*, de Jacques Vanière, S.I.: alguns apontamentos
- 449** VANDA ANASTÁCIO
Religião, ciência e poesia no Século das Luzes. Acerca da epístola *A Godofredo*, da Marquesa de Alorna (1750-1839)

CÓDICES E BIBLIOTECAS

- 467** MÁRIO DE GOUVEIA
Guimarães: uma biblioteca monástica nas origens da cultura hispânica (séculos X-XI)
- 487** ANA SUÁREZ GONZÁLEZ
La biblioteca *rota* de Santa María de Oia (c. 1150-1250)
- 499** LUÍS CORREIA DE SOUSA, MARIA ADELAIDE MIRANDA e MARIA JOÃO MELO
A iluminura, um elemento “solidário e articulado” no códex. Texto e ornamento no manuscrito Alc. 149, um *Mariale* alcobacense
- 515** HARVEY L. SHARRER e PEDRO PINTO
Os fragmentos da *Historia Scholastica* de Pedro Comestor da Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa
- 535** MARIANA LEITE
Na senda de S. Jerónimo: as bíblias portuguesas produzidas a partir da *Historia Scholastica* de Pedro Comestor

- 545** MARIA ALESSANDRA BILOTTA
A proposito della circolazione di modelli tra scultura e miniatura, tra Catalogna e Linguadoca: alcune osservazioni sull'*atelier* del Pontificale di Arles (BnF, ms. lat. 9479), attivo a Tolosa nella seconda metà del XIV secolo
- 575** SAUL ANTÓNIO GOMES
Testemunhos de exercícios abaciais e de autografia em mosteiros cistercienses femininos portugueses na Baixa Idade Média
- 597** JOSEFINA PLANAS
Las inquietudes religiosas de una dama valenciana a fines del siglo XV: el Libro de Horas (Londres, British Library, Add. ms. 18193)
- 617** DELMIRA ESPADA CUSTÓDIO e HORÁCIO AUGUSTO PEIXEIRO
“Para rezar em tempos certos”. O Livro de Horas do Museu de Angra do Heroísmo
- 631** CARLOS GUARDADO DA SILVA, LUÍS CORUJO e JORGE REVEZ
O foral do Reguengo de Monte Agraço (1518): estudo codicológico
- 641** ANTÓNIO DOS SANTOS PEREIRA
O Cristocentrismo em Quinhentos e os livros de Frei Heitor Pinto
- 653** RITA MARNOTO
Colagens e emendas de dois exemplares de *Os Lusíadas*
- 663** ANA ISABEL LÍBANO MONTEIRO
Memória e erudição na Poligrafia antiga beneditina
- 679** MARIA MARGARIDA CUNHA SEIXAS e MARGARIDA LEME
A arte nos livros e os livreiros régios: o paradigma da Casa da Moeda de Lisboa
- 701** PEDRO LUÍS GAURIM FERNANDES
Antiguidade e bibliofilia no século XIX. O caso da colecção Husson da Câmara doada à Academia Real de Bellas Artes de Lisboa em 1866
- 725** JOÃO DIONÍSIO
Um desentendimento na constituição da biblioteca de M. S. Lourenço
- TRADUÇÃO**
- 743** ANDREA BOZZI
Lo studio collaborativo delle traduzioni arabe medievali di testi greci con l’ausilio della tecnologia per il Web. Il caso della *Teologia* di Aristotele

- 757** GEMMA AVENOZA †
Versículos del libro de Ezequiel traducidos por Gonzalo de Ocaña (OSH) en su versión de las *Homilias sobre Ezequiel* del Papa Gregorio
- 769** JOSÉ MARTÍNEZ GAZQUEZ
La divinidad de Cristo en las glosas de Nicolás de Cusa al *Alkoranus* y la *Cribratio Alkorani*
- 781** TERESA SERUYA
S. Jerónimo e os “métodos de traduzir”... Uma homenagem à tradução da sua *Carta a Pamáquio*, por Aires A. Nascimento
- 791** MARIA DO ROSÁRIO MONTEIRO
A *Utopia* de Thomas More em Português; percursos de um texto
- SÉCULOS XIX-XX**
- 803** MARÍA DE LOS MILAGROS COMESAÑA SANTOS
España en los orígenes del *Stivale*: uso del motivo de la España musulmana en los textos melodramáticos *ottocentescos* como elemento unificador de la futura Italia
- 809** RAFAEL GOMES FILIPE
Uma leitura de *Vertigo* de Alfred Hitchcock à luz de *O Romance de Tristão e Isolda*
- 817** MARIA DE SOUSA PEREIRA COUTINHO
Ciência e comunicação. A importância da linguagem

